



BRISSOS-LINO, José. O menino que mudou o olhar de Severino de Jesus. In: **Revista Épicas**. Ano 5, Número Especial 4, Março 2021, p. 51-58. ISSN 2527-080X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021vNE4.5158>

## O MENINO QUE MUDOU O OLHAR DE SEVERINO DE JESUS THE CHILD THAT CHANGED THE VIEW OF SEVERINO DE JESUS

José Brissos-Lino<sup>1</sup>  
Universidade Lusófona, Lisboa (ULHT)

**RESUMO:** Neste artigo abordamos o movimento migratório dos retirantes do nordeste brasileiro do séc. XX, representado na forma poética por João Cabral de Melo Neto, o qual surge simbolizado na metáfora da viagem enquanto representação da vida humana. A peregrinação de Severino de Jesus decorre num ambiente de sombras, mantendo sempre como pano de fundo uma fortíssima cultura de morte, até ao momento em que a vida irrompe, de forma inesperada, mudando assim todo o cenário psicológico do retirante. É esse acontecimento súbito que o autor invoca indirectamente, neste auto de Natal, como paralelo com o irromper de Jesus Cristo na história humana, como uma luz no meio das trevas, capaz de desencadear uma atitude de esperança.

**Palavras-chave:** Cultura de morte, Esperança, Retirante. Morte e Vida Severina. João Cabral de Melo Neto.

**ABSTRACT:** In this article, we discuss the migratory movement of retreatants from northeastern Brazil in the 20th century, represented in poetic form by João Cabral de Melo Neto, which appears symbolized in the metaphor of travel as a representation of human life. Severino de Jesus' pilgrimage takes place in an atmosphere of darkness, with a very strong culture of death persisting as a backdrop until the moment when life breaks out, unexpectedly, thus changing the entire psychological scenario of the retiree. It is this sudden event that the author invokes indirectly, in this Christmas literary piece, as a parallel with the outbreak of Jesus Christ in human history, as a light in the midst of darkness, capable of triggering an attitude of hope.

**Keywords:** Culture of death. Hope. Retreat. Morte e Vida Severina. João Cabral de Melo Neto.

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia (Universidade Autónoma de Lisboa, 2015). Director do Mestrado em Ciência das Religiões (ULHT). Director do Instituto de Cristianismo Contemporâneo e da revista de Teologia AD AETERNUM.  
[jose.lino@ulusofona.pt](mailto:jose.lino@ulusofona.pt)

## Introdução

Talvez a obra mais icónica de João Cabral de Melo Neto seja “Morte e vida Severina”, que terá sido encomendado como auto de Natal a fim de ser levado à cena num teatro do Rio de Janeiro em 1956, o que acabou por não acontecer. A obra ficcional conta a estória de Severino de Jesus, um retirante que foge à dureza da vida no sertão pernambucano para o litoral, em busca duma vida melhor.

No pano de fundo presente ao longo de todo o poema transparece a negrura da fome, da pobreza extrema, da miséria e sobretudo duma cultura de morte.

## Cultura de morte

O confronto com a finitude das gentes do sertão está invariavelmente presente logo desde o início da sua deslocação, através da imagem dum defunto transportado numa rede. Severino oferece-se para ajudar a transportar a rede com o corpo, já que o destino lhe fica em caminho, mas não deixa de querer saber como morreu o indivíduo:

E foi morrida essa morte,  
irmãos das almas,  
essa foi morte morrida  
ou foi matada? (1955, p. 5)

Associando a ideia da negrura da noite à dura realidade da morte, seguem viagem ainda de madrugada, como se sentissem algum pudor em franquear o espectáculo da morte à luz do dia:

— Partamos enquanto é noite  
irmãos das almas,  
que é o melhor lençol dos mortos  
noite fechada. (1955, p. 8)

Como numa espécie de reforço da dramaticidade do quadro, mais adiante Severino assiste ao enterro dum outro homem, trabalhador da roça, que nunca tivera um palmo de terra seu, mas em cujo chão passara a vida a trabalhar arduamente:

Viverás, e para sempre  
na terra que aqui aforas:  
e terás enfim tua roça. (1955, p. 22)

Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu teu suor vendido). (1955, p. 23)

Mais tarde, o retirante ouve cantares ao longe, sem conseguir descodificar o seu sentido, mas lá chegado conclui que se trata, afinal, de um grupo de pessoas a cantar “excelências para um defunto” à maneira tradicional das gentes da terra:

Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas  
ouço somente à distância  
o que parece cantoria.  
Será novena de santo, será algum mês-de-Maria  
quem sabe até se uma festa  
ou uma dança não seria? (1955, p. 10-11)

Surge então o receio de se perder na viagem, talvez como metáfora do medo existencial, o medo de se perder nos rumos da vida. Severino de Jesus receia perder-se pois o rio Capibaribe, que tomou como guia seguro até ao Recife, desde o início da jornada, secara durante o Verão, tornando-se assim um simples fio de água até desaparecer, o qual é tão desprovido como os habitantes pois “é tão pobre que nem sempre / pode cumprir sua sina / e no verão também corta, / com pernas que não caminham” (1955, p. 10).

Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo,  
de todos o melhor guia.  
Mas como segui-lo agora  
que interrompeu a descida?” (1955, p. 10)

Sentindo-se Severino de Jesus já tão esgotado duma viagem física e emocional duríssima, pensa fazer então uma pausa e procurar trabalho, de modo a ficar por ali durante algum tempo a recuperar energias, de modo a prosseguir viagem posteriormente, dispondo já de mais forças para concluir a sua peregrinação:

Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva  
só a morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida. (1955, p. 12)

É então que se dirige a uma mulher que está à janela e lhe pergunta por trabalho. Mas não só não há trabalho para ninguém, como a experiência de vida e as competências de Severino também não servem para nada naquela região, de tão miserável que esta se apresenta. Impressionado com as respostas da mulher Severino pergunta-lhe como consegue ela ganhar a vida? A resposta é inesperada e é-lhe dito que o único trabalho disponível é a “lavoura” da morte:

Vou explicar rapidamente,  
logo compreenderá:  
como aqui a morte é tanta,  
vivo de a morte ajudar. (1955, p.17)

sou de toda a região  
rezadora titular. (1955, p 18)

Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar. (1955, p. 18)

Severino prossegue viagem chegando à região da mata, momento que cria nele a esperança duma vida melhorada e um pouco mais digna, na tentativa de procurar alguma qualidade de vida que lhe permitisse não se tornar velho antes dos trinta anos, como era regra no sertão, mas começa a perceber que afinal a diferença não é muita:

Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima. (1955, p. 26)

Chegando ao Recife Severino senta-se junto ao muro do cemitério para descansar e ouve, sem querer, a conversa entre dois coveiros, que falam da diferença dos funerais entre ricos e pobres; mas também da elevada mortalidade e sobre os que morrem sem ter sequer vivido:

Eu também, antigamente,  
fui do subúrbio dos indigentes, e uma coisa notei  
que jamais entenderei:  
essa gente do Sertão  
que desce para o litoral, sem razão,  
fica vivendo no meio da lama,  
comendo os siris que apanha  
pois bem: quando sua morte chega,  
temos que enterrá-los em terra seca. (1955, p. 33)

Pelo falar dos coveiros Severino descobre então que a sua viagem foi um erro, que apenas o levou a correr atrás da sua própria morte:

E esse povo de lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba,  
que vem buscar no Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só, aqui chegando  
cemitério esperando.  
Não é viagem o que fazem  
vindo por essas caatingas, vargens  
aí está o seu erro:  
vêm é seguindo seu próprio enterro. (1955, p. 33-34)

Severino de Jesus aproxima-se então dum cais do rio e reflecte sobre o que acabou de ouvir, reforçando a ideia de que no fundo nunca esperou que a vida no Recife não fosse de trabalho duro como toda a vida conhecera, mas apesar de tudo, encetara a viagem supondo poder suprir melhor as suas necessidades no Recife. Confrontado com o persistente mote da morte, que o havia acompanhado em toda a viagem e ali persistia, desiste de tudo e pensa em suicidar-se, atirando-se ao rio:

E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.  
Só que devo ter chegado  
adiantado de uns dias  
o enterro espera na porta:  
o morto ainda está com vida” (p 35).

“A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia. (1955, p. 35).

Severino de Jesus pergunta seguidamente a um morador de um dos mocambos (cabanas) na margem do rio se este terá água suficiente para um homem se afogar, pois,

para cobrir corpo de homem  
não é preciso muita água:  
basta que chega o abdome,  
basta que tenha fundura  
igual à de sua fome (1955, p. 37)

Mas o morador tenta dissuadi-lo do suicídio, sublinhando a juventude de Severino, encorajando-o a lutar contra a miséria e a procurar viver um dia de cada vez:

Severino, retirante,  
o meu amigo é bem moço  
sei que a miséria é mar largo,  
não é como qualquer poço:  
mas sei que para cruzá-la  
vale bem qualquer esforço. (1955, p. 37)

jamais me fiaram nada:  
a vida de cada dia  
cada dia hei de comprá-la. (1955, p. 38)

Apesar do encorajamento do carpina (carpinteiro), Severino parece manter uma firme intenção suicidária, de modo a saltar da vida para fora:

Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida? (1995, p. 39)

### **O resplendor da vida**

Enquanto Severino de Jesus conversa sobre a sua intenção suicidária com o carpina José, que mora numa barraca junto ao rio, e este o tenta dissuadir, surge uma mulher que vem anunciar ao carpinteiro que acabou de ser pai. De repente muda o pano de fundo. A morte é tragada pela vida. Começam então a chegar pessoas que trazem presentes para o recém-nascido, numa invocação de Salvador nascido em Belém, ou não se chamasse Severino “de Jesus”. Trata-se de presentes modestos, de gente muito pobre, para uma família muito pobre, mas que são recebidos como os melhores do mundo. Entretanto os vizinhos falam da beleza daquela criança, antecipam as suas habilidades e capacidade criativa. Até uma das videntes ciganas que surgem em cena avança que a criança virá a ter um futuro mais risonho do que o pai, prevendo que haveria de vir a ser operário numa fábrica, apesar de tudo uma promoção social, e morar numa barraca melhor.

O renovar da esperança de Severino chega assim pela mão deste evento inesperado, o nascimento duma criança, que representa a surpresa, a alegria, a beleza, a novidade e tudo aquilo de que necessita na sua viagem existencial pela vida fora:

Belo porque tem do novo  
a surpresa e a alegria.  
Belo como a coisa nova  
na prateleira até então vazia.  
Como qualquer coisa nova  
inaugurando o seu dia.  
Ou como o caderno novo  
quando a gente o principia.  
E belo porque o novo  
todo o velho contagia.  
Belo porque corrompe  
com sangue novo a anemia.  
Infecciona a miséria  
com vida nova e sadia.  
Com oásis, o deserto,  
com ventos, a calmaria (1955, p. 49)

As palavras do carpinteiro não tinham conseguido dissuadir Severino da firme intenção de se suicidar, em razão da desilusão com a vida difícil que levava (“severina”), mas o nascimento daquela criança trouxera-lhe agora a esperança de que necessitava. Isto é, depois de um cenário persistente de morte “a vida, respondeu com sua presença viva”:

é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva. (1955, p. 49)

E que melhor resposta do que esta se poderia encontrar para fazer face ao espectáculo da morte do que o “espectáculo da vida” a brotar “em nova vida explodida”?:

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida  
como a de há pouco, franzina  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina. (1955, p. 49-50)

## **Considerações Finais**

### **O menino de Severino e o Menino de Isaías**

O profeta Isaías tinha predito setecentos anos antes a vinda do Messias de Israel e Salvador do mundo: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (9:6).

Uma criança que nasce constitui sempre uma luz de esperança. Jesus foi esperança para Israel, mas também para o mundo (“a Galileia das nações”):

Mas a terra, que foi angustiada, não será entenebrecida; envileceu nos primeiros tempos, a terra de Zebulom, e a terra de Naftali; mas nos últimos tempos a enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, na Galileia das nações. O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz. (Isaías 9:1,2).

Severino de Jesus só se libertou da cultura de morte e de trevas que o acompanhou durante toda a sua peregrinação, desde a Serra da Costela, através do súbito evento do nascimento duma criança. A cultura de morte fora então vencida pela cultura de vida. João Cabral de Melo Neto fez assim alinhar a história do Advento com a sua estória da peregrinação do retirante Severino. Assim como o Natal é a celebração da vida que vence a morte, da luz que afasta as trevas, também aquele filho do carpinteiro foi o menino que fez mudar o olhar de Severino de Jesus, afastá-lo das trevas da sua existência em nome duma luz de esperança.

Não parece ter sido por acaso que o recém-nascido invocado no poema é filho dum carpinteiro de nome José, tal como Jesus era filho do carpinteiro José, nem o facto de o retirante se chamar “de Jesus”. No fundo, a estória de João Cabral de Melo Neto (nascido no Recife, em 1920) parece ser a sua forma muito própria de ver o Natal, contextualizado ao seu povo e cultura. Segundo os críticos, João Cabral de Melo Neto reparte com Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira o título de maior poeta brasileiro pós-1940.

De algum modo no seu poema “Tecendo a manhã” João Cabral fala da necessidade da interacção como acção realizadora da pessoa humana: “Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos”. Afinal, foi quando cantou o galo duma criança recém-nascida que Severino sacudiu a cultura de morte que o acompanhava há muito, abandonou a “região da sombra da morte” de que falava o profeta Isaías e sentiu que, apesar de tudo, a vida valeria a pena ser vivida.

### **Referências bibliográficas**

GRAZIOSI, Michela. **Análise do discurso, textual e lexical “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto**, s/d. Disponível em:

file:///C:/Users/Brissos/Downloads/Morte\_e\_vida\_severina\_Joao\_Cabral\_de\_Mel.pdf. Acesso em: 13 Jun. 2020, 10:14h.

LEITE, Carlos Willian. Os 10 melhores poemas de João Cabral de Melo Neto. **Revista Bula**. <https://www.revistabula.com/449-os-10-melhores-poemas-de-joao-cabral-de-melo-neto/> (acedido em 29/12/20).

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina**, ed. TUCA, 1955.

NETO, João Cabral de Melo. **Obra Completa**, Rio: ed. Nova Aguilar, 1999.

SAKAMOTO, Leonardo. Viagem às terras que inspiraram a obra "Morte e Vida Severina". **Estudos avançados**, v.16 n.44 São Paulo, jan./abr. 2002. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000100017>. Acesso em: 12 Jun. 2020, 21:05h.